



dossie[^]

emma
goldman

estradas e portas abertas: pelas palavras de emma goldman

eliane k. carvalho e gustavo simões

*A pé e de coração leve
eu enveredo pela estrada aberta,
saudável, livre, o mundo à minha frente,
à minha frente o longo atalho pardo
levando-me aonde eu queira.*

*Daqui em diante não peço mais boa-sorte,
boa-sorte sou eu.*

*Daqui em diante não lamento mais,
não transfiro, não careço de nada;
nada de queixas atrás das portas,
de bibliotecas, de tristonhas críticas;
forte e contente vou eu
pela estrada aberta...*

Walt Whitman

Emma Goldman, nascida na Lituânia, fez do território estadunidense terra e campo de luta. Antes de ser deportada dos EUA, em 1919, deixou suas marcas de leste a oeste

Eliane K. Carvalho é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: eliane@riseup.net. Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

do país. Emma costumava viajar pelos Estados Unidos para fazer suas palestras sobre controle de natalidade, antimilitarismo, contra a guerra que se anunciava, sobre literatura, etc. Compilar os rastros deixados por ela foi um dos objetivos do Emma Goldman's Papers Project¹.

Candace Falk, professora na Universidade da Califórnia, em Berkeley, entrou em contato com os escritos de Emma Goldman por um acaso. Na efervescência do movimento feminista nos anos 1970, Candace descobriu a vida da anarquista por meio da reedição de sua autobiografia, *Living my Life*². Segundo ela, a vida de Emma apresentou outra perspectiva de militância, diferente da sisudez que marcava os movimentos mais à esquerda³. Assim como outras pessoas na época, Candace havia nomeado sua cachorra com uma homenagem: Red Emma. Em uma viagem pela região de Ilinois, o nome da cadela despertou a atenção do vendedor de uma loja de guitarras. O rapaz, conhecido de Candace, trouxe-lhe uma caixa com cartas de Emma Goldman dirigidas ao seu amante Ben Reitman. Esta leitura levou Candace a mudar o foco de sua tese — que abordava questões como a sexualidade — para a vida amorosa de Emma Goldman e a sua relação com o ativismo. A busca por escritos e impressos ao redor do planeta acabou se transformando no Emma Goldman's Papers Project, com o objetivo de disponibilizar todo o material de Emma Goldman em microfilmes e também online.⁴ A maior parte do projeto já foi concluída, restando a publicação do quarto e último volume da série *Emma Goldman: A Documentary History of the American Years 1890–1919*, que reúne documentos selecionados, organizados por data e acompanhados de informações para sua contextualização. Recentemente,

os 22.000 documentos disponibilizados em microfilme foram digi-talizados e tornaram-se acessíveis na internet.

A relação do projeto com a Universidade da Califórnia em Berkley (UC Berkley) tornou-se cada vez mais tensa. O material coletado e divulgado foi, certa vez, considerado inapropriado pela gestão da instituição, que retirou definitivamente o seu endosso ao projeto em 2015. A proximidade com os anarquistas, no entanto, seguiu caminho oposto. No início da existência do arquivo, Candace notou certa rejeição dos libertários que, segundo ela, não estavam satisfeitos com o fato de alguém que não se identificava como anarquista lidar com o material.⁵ Em 1997, um texto anônimo, intitulado “Emma for sale”, acusava a arquivista de transformar Emma Goldman em um produto moderado⁶. Entretanto, atualmente, Candace observa que muitos jovens anarquistas têm buscado o arquivo e, finalmente, reconhecem seu trabalho de pesquisa e de organização do material.

Emma Goldman foi uma mulher livre. Antes de nomear seu jornal como *Mother Earth*, havia escolhido o nome *Open Road*, em referência ao poema de Walt Whitman. Entre as respostas que recebera sobre a proposta deste novo jornal, uma alegava que a adoção deste nome levaria a um processo por infração às leis de *copyright*, ao que Emma escreveu: “Pobre Walt Whitman, com certeza se moveria na cova se soubesse que alguém ousou legalizar o título de seu grande poema”⁷. É fato que, na atualidade, até o material anarquista está enredado, por vezes, na lógica liberal por meio de *copyrights*. Não foi o que aconteceu com o arquivo de Emma Goldman.

Exigir que Emma fique restrita ao movimento anarquista é, também, circunscrevê-la a um território exclusivo,

quando ela mesma se recusou a isso. O trabalho de Candace Falk e sua equipe é vital para cada interessado na existência daquela que já foi considerada “a mulher mais perigosa da América”. Nesse sentido, Candace se ateve à posição de Emma Goldman, não cedendo a propriedade do material coletado à UC Berkeley, com exceção do website, que pertence à instituição. Candace ressalta, no entanto, que o descaso com o trabalho realizado em todos esses anos ainda persiste. Segundo ela, a maior parte dos pesquisadores não menciona o trabalho dos arquivistas — esforço que tornou possível o acesso a escritos fundamentais de Emma Goldman, como os publicados nesta **verve**, e a histórias extraordinárias, como a de seu encontro com a trupe de teatro de Pavel Orleneff.

Certa vez, o grupo de teatro russo de Orleneff estava passando por dificuldades e foi despejado de seu espaço em Nova York. Ao receber a informação, Emma entrou em contato com alguns conhecidos para ajudá-los. A admiração entre Emma e Pavel era mútua. Em pouco tempo, Emma assumiu o papel de agente e tradutora da trupe, recusando qualquer salário por isso. Ela considerava as experiências teatrais progressistas na Rússia daquele momento uma forma importante de agitação e propaganda política, especialmente quando, nos EUA, havia sido aprovada a lei de imigração antianarquista, no rescaldo do assassinato do presidente estadunidense William McKinley. Emma uniu sua paixão por essa arte e o seu fogo político. Quando chegou o momento do grupo de teatro voltar para a Rússia, Pavel perguntou a Emma qual era sua maior vontade, ao que ela respondeu: criar o seu próprio periódico anarquista. Pavel, então, realizou uma última apresentação em território estadunidense cujos

fundos foram destinados ao projeto de Emma. Da paixão pela anarquia e de uma intensa relação entre amigos surgiu *Mother Earth*, publicação que durou mais de uma década, afirmando uma anarquia corajosa e contundente.

A seleção dos textos de Emma Goldman de 1916 que apresentamos a seguir⁸ foi animada menos pela tentativa de celebrar um século de publicação e mais pelo fato de que, precisamente naquele ano, durante o governo de Woodrow Wilson, a anarquista lançou um ataque direto a tribunais e prisões estadunidenses. Em 8 de fevereiro, Emma foi presa e levada a julgamento após uma palestra sobre métodos contraceptivos realizada no Casino New Star, em Nova York. Alguns dias depois, frente ao juiz e à acusação pelo crime de “Indecência”, afirmou: “se para ensinar as pessoas a trazerem ao mundo melhores crianças, de tal forma que não se tornem indigentes ou povoem hospitais e reformatórios, ou terminem no crime, se isso for considerado crime, eu desejo ser condenada”⁹. Ao recusar-se a pagar uma multa de cem dólares aplicada como sentença, Emma foi enviada diretamente à penitenciária de Queens County.

No primeiro dos textos apresentados, “Carta da prisão”, a libertária provoca as autoridades declarando sentir-se orgulhosa da sentença, pois precisava disso para conviver com outras mulheres encarceradas, “párias que são o alvo de todo esse horror”. Ainda no breve escrito, comenta uma passagem de Oscar Wilde: “lembram-se da frase de *The Ballad of Reading Gaol*, ‘cada dia um ano cujos dias envelhecem?’ Para mim é: ‘cada noite um ano cujas noites são mais longas’”. E conclui: “eu sempre amei a noite,

Estradas e portas abertas: pelas palavras de Emma Goldman

mas as noites na prisão são medonhas”. O texto seguinte, “Para meus amigos, velhos e novos”, descreve as situações que levaram a julgamento algumas das mulheres com quem Emma conviveu em Queens County. Ao mostrar como o crime é uma construção das próprias autoridades, visto que estas “prosperam sobre aqueles que a pobreza e a ignorância conduzem ao crime”, a anarquista seguiu insolente declarando que “quanto ao efeito das prisões em criminosos como eu, queridos amigos, devo admitir que não apenas não diminuiu, como intensificou minha dedicação à nossa causa.” Por fim, “Abaixo os anarquistas!”, assinado com Alexander Berkman e algumas associações anarquistas, além de recusar a identificação forjada pelo Estado entre anarquismo e violência, alerta para a aliança entre governo e proprietários com o objetivo de sufocar a propaganda anarquista (“deixem que o povo os ouça”).

2016, *open road*, cem anos depois, nada de queixas atrás das portas. Portanto, arquivos abertos, como no poema de Walt Whitman, sigamos pela anarquia, estrada aberta, com Emma em suas próprias palavras.

Notas

¹ Sobre o projeto ver: <http://www.lib.berkeley.edu/goldman/AbouttheProject/index.html> (acesso em: 15/03/2016).

² Emma Goldman. *Living My Life*. Nova York, Alfred A. Knopf Inc., 1931. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-living-my-life> (acesso em: 15/03/2016).

³ Entrevista realizada por Eliane K. Carvalho com Candace Falk, em 16 de janeiro de 2016, em Berkeley (EUA).

⁴ O material do Emma Goldman Papers Project, de fato, está aberto a todos os interessados em Emma ou no anarquismo. Toda a coleção da revista *Mother Earth* foi disponibilizada, por meio deste projeto, nos meios virtuais. As bibliotecas na UC Berkeley possuem áreas exclusivas de acesso a estudantes e professores e outras de acesso público. O trabalho de um arquivista é um trabalho árduo, como vivenciaram muitos anarquistas que se dedicaram a isso.

⁵ Entrevista com Candace Falk, op. cit.

⁶ Anônimo. “Emma Goldman for sale” in *Fifth Estate*, 2011. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/anonymous-emma-goldman-for-sale> (acesso em: 15/04/2016).

⁷ Emma Goldman, 1931, op. cit., capítulo 29.

⁸ Os textos de Emma Goldman reproduzidos neste dossiê foram traduzidos por Helena Wilke, com revisão técnica de Thiago Rodrigues, retirados de Candace Falk e Barry Pateman (eds.). *Emma Goldman: A Documentary History of the American Years*. Volume 3: *Light and Shadows, 1910–1916*. Stanford, Stanford University Press, 2012. A tradução manteve as notas dos editores da referida publicação.

⁹ Emma Goldman. “Emma Goldman diante do tribunal – o povo do estado de Nova York contra Emma Goldman” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 14, 2008, p. 245.